



FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE - FANESE
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA
“GRACCHO CARDOSO”

ELIELBA MENDONÇA SANTOS DOS REIS

PROFESSOR E O ALUNO SURDO: A OPERALIDADE DA
COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

ARACAJU-SE
2017

ELIELBA MENDONÇA SANTOS DOS REIS

**PROFESSOR E O ALUNO SURDO: A OPERALIDADE DA
COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Fanese
como trabalho de conclusão de curso e requisito
básico para obtenção do título de Especialista em
Libras: Tradução, Interpretação e Ensino.

Orientador: Prof. Genivaldo Oliveira Santos Filho

ARACAJU-SE
2017

ELIELBA MENDONÇA SANTOS DOS REIS

**PROFESSOR E O ALUNO SURDO: A ORALIDADE DA
COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão-NPGE, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe-FANESE, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras: Tradução, interpretação e ensino.

Nome completo do Avaliador

Nome completo do Coordenador de Curso

Elielba Mendonça Santos dos Reis

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de 2017.

PROFESSOR E O ALUNO SURDO: A ORALIDADE DA COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

Elielba Mendonça Santos dos Reis¹

RESUMO

O tema desse artigo foi escolhido devido ao meu primeiro contato com uma aluna surda, onde tive que me adequar conseqüentemente aprender a Libras, e depois disso surgiu o questionamento: Como os professores se comunicam em sala de aula com uma criança surda? O que pretendemos demonstrar através dessa indagação, são as relações e situações existentes nas escolas que possuem alunos surdos. Os objetivos dessa pesquisa é verificar de que maneira acontece a comunicação com as crianças surdas em sala de aula, entender quais os meios necessários para a comunicação entre o aluno surdo e as crianças ouvintes, analisar de que forma as crianças surdas se comunicam com o professor em classe. Para (YIN, 2001, p.27), “o estudo de caso perpassa pelas escolhas e estratégias necessárias desse acontecimento real, mas que não deve ser alterado”. A observação foi feita em uma escola de Aracaju, tendo como sujeito de pesquisa um professor em seu primeiro contato com uma criança surda. O instrumento de coleta foi um questionário com 16 (dezesesseis) questões para serem respondidas pelo professor. Os resultados alcançados desse questionamento, foi entender como é necessário obter uma comunicação que possa abranger a todos, partindo das relações de afetividades entre ambos, professor e aluno, respeitando e diferenciando o seu aluno surdo com o aluno ouvinte.

Palavras-chave: Comunicação. Aluno surdo. Professor.

¹ Pós-graduanda em Educação Inclusiva/Libras pela Faculdade Amadeus (FAMA), pós-graduanda em Libras/Educação Inclusiva pela Faculdade São Luís de França; Licenciada em Pedagogia. Habilitação em Administração Escolar pela Faculdade Pio Décimo; Professora da Educação Infantil do Colégio Prof. “José Olino” desde 2002; com curso básico de Libras 160h/SENAC, curso de Libras Intermediário 140h/SENAC, curso de extensão em Libras In Contexto-Básico II 60h, curso básico de Libras- Módulo IV 48h.e-mail: elielbareis@hotmail.com.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
3 CAMINHOS TRILHADOS: METODOLOGIA	8
3.1 Local da pesquisa	10
3.2 Participantes da pesquisa	10
3.3 Instrumento de pesquisa	10
3.4 Procedimentos	10
4 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA	11
4.1 Categoria 1: A afetividade na comunicação em sala	11
4.2 Categoria 2: Bilinguismo como comunicação	12
4.3 Categoria 3: O ideal, real a ser alcançado	13
5 CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS	16
APÊNDICES	19
APÊNDICE A	20
APÊNDICE B	21
APÊNDICE C	22
APÊNDICE D	24
ANEXOS	25

1 INTRODUÇÃO

A contribuição dessa pesquisa e a construção de um referencial que envolve professores e alunos na prática diária das comunicações existem no dia a dia de ambos. Tem como significante, a palavra “comunicação”, palavra que expressa uma relação entre uma ou mais pessoas. Um indivíduo com sua sociedade ou vice-versa.

Segundo, PINTO (2012, p. 133): “A sociedade não é composta somente de pessoas que ouvem e, assim, a inclusão é um tremendo benefício para inverter papéis e trocar experiências aprendendo e cultivando novas línguas”. Essa troca pode levar a uma maior integração e inclusão social. O surdo, ao se ver valorizado e respeitado em sua característica, pode ampliar o interesse pelo aprendizado da Língua Oral Portuguesa, a qual, hoje, não é uma obrigação legal para a pessoas surdas.

A escola para todos deve estar preparada e adequada à inclusão, adequando-se com recursos necessários para um melhor atendimento do aluno surdo. Esse acolhimento perpassa pelos professores, alunos ouvintes e toda comunidade escolar. Muitas vezes a escola se depara com fatos considerados longe da sua realidade, são as situações dos alunos que necessitam apenas de um olhar diferenciado para permanecerem estudando.

O aluno surdo muitas vezes não tem nenhuma possibilidade de se quer chegar à escola e quando tem, seguem padrões existentes da oralidade ouvinte. Neste artigo iremos abordar o tema: “Professor e o aluno surdo: a oralidade da comunicação em sala de aula”, nele responderemos a seguinte pergunta: Como os professores se comunicação com as crianças surdas em sala de aula?

Para chegar a esse questionamento explicarei como surgiu. Já faz alguns anos que fiz o meu primeiro contato com a Libras, começou com uma aluna surda, onde tive que me adequar aprendendo a língua de sinais para que houvesse a comunicação em sala. Fiz cursos para aprender a me comunicar melhor com ela, aprendi noções básicas de libras, como ir ao banheiro, dizer boa tarde e outras expressões. Vi, e vivenciei com ela vários aprendizados e frustrações. Desde então, percebi que só esse contato não era o suficiente queria mais. Com o tempo, surgiu a vontade de responder a alguns questionamentos que surgiram, e que ainda estão presente no dia a dia do professor que que possui em sala de aula um aluno surdo.

O objetivo desse estudo de caso é explorar ou a fazer a (des) construir sobre o conceito da comunicação entre os participantes (professor e o aluno) em sala de aula em uma determinada Escola.

Assim, a pesquisa foi elaborada através de um estudo de caso, que tem o caráter qualitativo. É um estudo de caso específico em uma determinada escola de Aracaju, no qual trataremos da inclusão de um aluno surdo em sala de aula.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Destrincharemos ao longo desse tema um conceito bem peculiar, ao falarmos da comunicação do sujeito surdo. Definir o que é normal ou anormal são conceitos que por muitas vezes foram definidos aos sujeitos surdos pela nossa sociedade. Assim, devemos atentar para a (des) construção das propostas lançadas em favor do sujeito surdo. DAMÁZIO (2010, p. 13) destaca que: “As pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar decorrentes da perda e da forma como se estruturam as propostas educacionais da escola”. As relações baseadas nas propostas, abordada sobre o sujeito surdo faz surgir uma série de reflexão sobre a qual o sujeito surdo passou e ainda passa nas diferentes situações diante da impossibilidade de não ouvir e nem de falar, onde a sociedade associa a tudo isso ao que para ela seja normal, como um referencial baseado em padrões sociais. Para GOLDFELD (2002, p. 27):

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonadas ou sacrificadas.

Historicamente o sujeito surdo vem sendo destaque também com grandes conquistas em favor da sua identidade, leis que estabelecem mecanismos assegurados para a inclusão e facilitando a sua comunicação nas relações existentes do seu dia a dia. Segundo Wolton (1999, p. 10), “a comunicação é, antes de mais, uma experiência antropológica fundamental. Institivamente, comunicar consiste em trocar algo com alguém”. Partiremos então para a prática diária do professor para com o seu aluno surdo, vivenciados em sala de aula com crianças ouvintes, onde a troca da comunicação existente deve ter a premissa da interação da comunicação nas relações afetivas, sociais e tradicionais, com ideias de que o vale é se comunicar. Assim trataremos de explicar quais seriam essas relações e também reforçar que o tema central dessa pesquisa fala sobre as comunicações entre ouvintes e surdos.

O surdo ao se comunicar estabelece uma relação de comunicação através de uma língua padrão que é a Libras, ou seja, Língua Brasileira de Sinais. Língua reconhecida por lei que dá autonomia a comunidade surda a se devolverem diante das suas relações e conquistas com apoio a sua identidade cultural e é expressiva as suas necessidades. Assim, para FREIRE (2002, p. 46), “ A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo o respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado”.

A Libras trouxe para o sujeito surdo uma comunicação bem peculiar, por quer traz características próprias, pois não é só uma língua gestual como muitos pensam. No século XVIII começou então a divulgação da língua de sinais e também resultados positivos no seu uso. Abade L Epeé responsável pelo avanço e a divulgação do uso da língua de sinais, desenvolveu características e metodologias que disseminaram em toda a Europa. No Brasil a sua divulgação se deu através do Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES), sua criação foi em 1857, e até os dias atuais desenvolve e apoia a comunidade surda.

A desenvoltura com que a libras tem passado ao logo dos anos, fez com que o uso da língua de sinais fosse adequando-se de forma a criar divisões e seguimentos diferentes como: O oralíssimo, tendência que durante a sua trajetória foi utilizada como sendo a ideal e que foi adotado como o único meio de comunicação mais convincente, após o congresso de Milão em 1980 essa tendência deixou de ser seguida, mas ainda existem seguidores. A comunicação total, essa acredita que os surdos e surdos, surdos com os ouvintes e surdos tenham uma comunicação total, passando da língua oral, não deixando aspectos cognitivos, emocionais e sociais de lado, mas que defende a utilização de recursos como facilitador da comunicação. Já o bilinguismo traz como conceito básico a aquisição da sua língua principal a libras, ele também defende que a língua materna para o surdo é a língua de sinais como sendo a sua língua natural e como segunda língua, a oficial do seu país.

Como não discutirmos a perspectiva do professor sobre o seu olhar em relação a comunicação existente em sala de aula, uma vez em que o mesmo possui criança com surdez em sala. O que fazer? A escola como um meio transformador, tende a excluir aquele que tem um diferencial relevante aos padrões da sociedade, para ajustar ao ideal. Para FERNANDES (2008, p. 40) “Acredito que muitas mudanças podem e devem ser feitas no cotidiano escolar...”. O professor agente de transformação, mediador, interlocutor da ação pedagógica, também sofre ações quando se depara com o “diferente”. Vamos então partir de um pressuposto. Esse professor passou pelas especificidades exigidas na sua graduação, a disciplina Libras e ele

garante usar de seus conhecimentos na sua aula, mas que não totalizam um conhecimento suficiente para tanto. E como fazer para chegar a esse conhecimento?

A boa ação do dever tende a equalizar as necessidades, muitas vezes distante das realidades exigidas, tende a relatar realidades que são diferentes daquilo que se deseja. O fato é que a preparação do professor se faz necessária e urgente, a sua formação consiste em um objetivo o de exercer a sua prática acadêmica mesmo que o desafio seja grande.

Para tanto, voltamos a lembrar de que o mecanismo adotado pelo professor nas suas relações de comunicação em sala de aula depende das terminações mútuas da ação entre educador e o aluno, o resultado disso gera uma confiança e certezas e mais ainda, uma comunicação agradável.

A garantia desse desempenho educacional satisfatório deve ser construída através do processo educacional promovendo os meios de comunicação pertinentes a aprendizagem. Sendo assim, estabelecer “a comunicação é, sem dúvida, o eixo da vida do indivíduo, em todas as suas manifestações como ser social”. LIMA (2006, p. 23). Portanto, devemos estar atentos às necessidades dos nossos alunos, devemos ter esse olhar para inseri-lo nas relações sociais e na aprendizagem significativa.

3 CAMINHOS TRILHADOS: METODOLOGIA

O método é o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, desde o início de sua caminhada, com a formulação de um problema, até a comprovação da hipótese (resposta ao problema), ao final da pesquisa. Pode ser entendida como um conjunto de etapas que serão vencidas de forma sistematizada na busca pela “verdade” (BONAT, 2009, p. 21).

Partindo da citação de Bonat, no qual fala que o meio é o caminho pelo qual devemos seguir, trilhando situações e etapas que devem ser vencidas para chegar ao resultado. Já para (YIN, 2001, p. 27), falando que “o estudo de caso e a estratégia escolhida ao se examinar acontecimentos contemporâneos; mas que não se podem manipular comportamentos relevantes”. De acordo com BONAT, 2009, “os processos em que se passa na busca da verdade, nada mais é que um procedimento metodológico, de estudo de caso qualitativo”. Esse estudo foi de caráter qualitativo, para OLIVEIRA (2007, p. 37) pois: ...“ Esse processo implica em estudos segundo a leituras pertinentes ao tema, observação, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva...”. Para tanto,

reforçamos que a nossa fonte de estudos baseando na inclusão de um aluno surdo em uma escola particular.

Com base em levantamentos de conteúdos e análise das respostas apresentadas pelo professor, usaremos como suporte as suas respostas e os levantamentos, associados às referências bibliográficas, proporcionando um dialogá-lo sobre o estudo de caso desse artigo. Para YIN (2005, p. 32), “o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de vivência”, assim, pretendemos (des) construir enfatizando a reflexão sobre os objetivos descritos nesse trabalho.

Autores como; GOLDFELD (2002), ALVEZ, FERREIRA e DAMÁZIO (2010), que irá tocar sobre a comunicação do sujeito surdo; LACERDA e BERNARDINO (2014); FERNANDES (2006); ALBRES (2012), MITTLER (2003) abordam a comunicação da criança surda em sala de aula. LIMA (2006) narrará a comunicação em libras na perspectiva do professor.

Assim, para que os objetos dessa pesquisa fossem alcançados, apresentaremos como instrumentos de dados, uma entrevista estruturada, segundo GIL (2008, p. 132):

Pode-se dizer definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assistemático, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

A entrevista teve 16 (dezesesseis) perguntas abertas pertinentes ao professor. A análise dos conteúdos, para BARDIN (2009, p. 44) “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” será feita, como base na resposta dada pelo professor.

Para tanto, o trabalho foi dividido em três partes, são elas: na primeira parte falaremos sobre a comunicação do sujeito surdo, nela abordaremos como o sujeito surdo se comunica, sendo ele o interlocutor da ação estabelecida pelo professor. Ou seja, a sua relação em sala. Já a segunda parte, destacaremos a comunicação das crianças surdas em sala de aula com as crianças ouvintes.

A terceira parte, o professor será a nossa fonte de observação, falaremos sobre o seu olhar em relação a comunicação em sala de aula com crianças surdas, e por fim, faremos uma análise com base na observação que levou a realizar um questionário com questões abertas, ao analisar os dados, usando a análise de conteúdo.

3.1 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição escolar particular da cidade de Aracaju, onde foi feita uma observação mediante a um estudo de caso, com uma aluna surda que cursa as séries iniciais da instituição. A observação foi em uma sala contendo 36 (trinta e seis) carteiras, todas elas com crianças ouvintes, sendo a trigésima sétima do aluno surdo, com mais um professor polivalente.

3.2 Participantes da pesquisa

Foi convidada a participar da presente pesquisa, a professora que ministra a aula do 3ºano do ensino fundamental menor, que tem disciplinas polivalentes em uma escola particular de Aracaju.

3.3 Instrumento de pesquisa

Como ferramenta de pesquisa foi utilizado um questionário, com 16 (dezesseis) questões que foram utilizadas para análise dos dados referente ao processo de comunicação entre o professor e o aluno surdo: a oralidade da comunicação em sala de aula. O questionário foi aplicado a professora polivalente e a análise das respostas está apresentada em resultados da pesquisa.

Para identificarmos a professora, usaremos a letra P e para identifica o aluno, usaremos a letra A.

3.4 Procedimentos

A pesquisa foi iniciada com uma carta de apresentação com o pedido de autorização tanto para ela como para a instituição. Após esse primeiro contato, ocorreu a apresentação da professora e a sala a ser observada. Com a liberação do pedido, iniciou-se a observação de 15 (quinze) minutos no horário de aula. A entrevista se deu em horário oposto ao qual o professor lecionava, teve a duração de 20 (vinte) minutos.

4 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA

A análise dos dados coletados busca aprofundar de acordo com os conceitos teóricos dos autores apresentados anteriormente e de acordo com os objetivos propostos, permitindo obter uma melhor visão do estudo realizado.

Esta análise da pesquisa iniciou-se a partir do momento em que a professora P, começou a destrinchar sobre a sua prática pedagógica em relação ao atendimento a criança surda, aluno A.

Ao explorar a leitura e o questionário, analisamos os resultados da pesquisa com base em três categorias. São elas: Categoria 1: A afetividade na comunicação em sala de aula- refere-se à afetividade nas relações de comunicação em sala de aula, e qual seria a dificuldade na comunicação; Categoria 2: Bilinguismo como comunicação- a criança surda utilizando o bilinguismo para se comunicar com as crianças ouvintes e professor; Categoria 3: O ideal, real a serem alcançados- qual seria a forma mais adequada para a aprendizagem acontecer em sala com crianças surdas e ouvintes.

4.1 Categoria 1: A afetividade na comunicação em sala

A relação estabelecida entre professor e aluno, através de uma interação afetiva no ambiente de ensino é essencial para o sucesso escolar, isto associado a inclusão de pessoas com surdez, ou até mesmo com os ouvintes. Para MIITTER (2003, p. 184), “os professores precisam de oportunidades para refletir sobre as propostas de mudança que mexem com seus valores e com suas convicções, assim como aquelas que afetam sua prática profissional cotidiana”, ou seja, o professor é o facilitador das relações em sala de aula, e não deve deixar que as influências e o comodismo o façam ser meramente agente de transmissão. O fato é que, a professora P, deixa bem claro nas suas respostas, ao falar sobre a sua relação com o aluno A: “*sempre tivemos uma relação boa, em nenhum momento senti dificuldade em relação a isso...*”.

A oratória pertinente a essa análise, mostra que a professora P possui autoconfiança, e por tanto agi naturalmente com as relações de comunicação em sala de aula. ALBRES (2012, p. 10), intensifica: “É preciso, a palavra que organiza o pensamento, que instrumentaliza a reflexão, que registra o conhecimento produzido. A palavra que divulga os avanços da ciência. Uma palavra outra a partir de si mesmo, uma palavra capaz de ouvir a outra palavra”.

A “palavra”, destacada por Albres reforça o pensamento sobre a comunicação e a interlocução das ações que podemos realizar ao estabelecermos um vínculo entre uma ou mais pessoas, em nosso caso o professor e o aluno com surdez. Vejo que faltam palavras para consolidar essa relação entre a criança surda e o professor, e a falta de compreensão para com o sujeito surdo na sua totalidade.

A comunicação do sujeito frente a perspectiva de GOLDFELD (2002, p. 160), ela explica: [...] “A comunicação não é única função da linguagem, ao contrário, a comunicação é o único de um processo extremamente complexo [...]”, é certo que estabelecer a comunicação do sujeito independe das ações rudimentares da comunicação arcaica sofrida há tempos atrás, e se submetia a atitudes de outras culturas, é prevalecer no erro, novos meios de comunicação para com o sujeito surdo, resulta em respeito pela sua língua e cultura, fortalece e possibilita outras visões e outros conceitos.

Quanto a DAMÁZIO (2010, p. 20) reforça: “Há entraves nas relações sociais, afetivas e de comunicação, fortalecendo cada vez mais os preconceitos”. Na visão desse autor, essas relações existentes para com o sujeito surdo, requer mais atenção diante das barreiras estabelecida pelas pessoas ouvintes, devem respeitar as especificidades de cada um para que não ocorra um bloqueio no convívio entre ambos e que a comunicação possa ser feita de forma natural sem imposições.

A oralidade prevalecente no contexto escolar, onde as formas de comunicação são organizadas no discurso visando apenas a aprendizagem de sobrevivência colocando a criança surda em segundo plano, FERNANDES (2006, p. 3), ressalta que:

O contexto educacional está organizado de forma que todas as interações são realizadas pela oralidade, o que coloca os alunos surdos em extrema desvantagem nas relações de poderes e saberes instaurados em sala de aula, relegando-os a ocupar o eterno “lugar” do desconhecido, do erro, da ignorância, da ineficiência, do eternizado não-saber nas práticas linguísticas.

Assim, fica claro que as formas necessárias para que o aluno com surdez possa estar ao menos competindo de forma igual com o ouvinte, são as práticas e os meios com que se administram a vivência em sala de aula.

4.2 Categoria 2: Bilinguismo como comunicação

Ao analisarmos esta categoria trataremos primeiro a definição sobre o que é o Bilinguismo. Para GOLDFELD (2002, p. 42) “o bilinguismo tem como pressuposto básico que

o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país”. O aluno A possui uma comunicação bilíngue, utiliza-se de duas formas de comunicação: o Oralíssimo e a Libras, ambos adquiridos pelo mesmo através de ajuda de profissionais que o acompanha desde pequeno. Já a sua atuação em sala e da mesma forma, ora fala, ora utiliza a libras.

A professora P: “*difícilmente nos comunicamos através da língua de sinais. A nossa comunicação é oral. Ela fala...*”. Assim, entendemos que a relação do aluno A surdo, com a professora P e os colegas de sala também flui normalmente. O aluno A utiliza as duas formas de comunicação, mas usa a que se sente melhor, a fala. Para o surdo, é fundamental o uso de libras, pois caracteriza o ser surdo. Hoje as possibilidades com que a pessoa com surdez tem em estabelecer a sua comunicação, seja ela oral ou através das libras, favorece o seu entendimento, mas reforçamos que a principal forma de comunicação da pessoa com surdez é a libras. As impossibilidades de não ouvir, traz grandes perdas para o surdo tais como: o atraso na aprendizagem, a falta de estímulos adequados, como também o seu potencial cognitivo, o sócios afetivos, linguísticos e políticos-culturais serão afetados.

A pessoa com surdez em seu cotidiano escolar deve ter garantias e meios que beneficie a sua participação e aprendizagem em sala de aula, com ações que tenham sentido para os alunos em geral.

As aproximações e as interações em sala de aula para com a criança surda facilita e estimulam a sua socialização por meios comunicáveis a todos, LIMA (2006, p. 54), destaca: “o professor deve facilitar e estimular a interação do aluno com surdez no grupo de colegas (surdos ou ouvintes), pois é por meios dessa interação que ele virá a enriquecer suas possibilidades de comunicação e expressão”, por tanto, cabe ao professor criar oportunidades de comunicação que viabilize essas e outras participações da criança surda.

4.3 Categoria 3: O ideal, real a ser alcançado

Partimos da seguinte frase expressada pela professora P: “*não houve necessidade de materiais específicos e adaptados com a aluna. Na sala ensinamos os conteúdos através de vivências, envolvendo o dia a dia (de experiências e do lúdico) tornando o processo de aprendizagem mais fácil e prazeroso...*”. É comum ouvirmos essas e outros tipos de expressões que mede as situações de interação entre professor e alunos surdos, onde desconsidera totalmente a identidade surda, levando em conta apenas a linguagem oral como forma de

comunicação. Para o (MEC) “Além da língua de sinais, meio privilegiado de interação simbólica, diferentes formas de comunicação que utilizam outros códigos visuais deverão estar presentes na sala de aula, beneficiando a relação entre professor-aluno surdo e demais alunos ...” (BRASIL, 2006, p. 74).

A prática pedagógica analisada nessa situação vivenciada pelo professor P juntamente como o aluno A, (des) constrói uma realidade adotada por muitos. O fato é que o aluno A, tem o domínio das técnicas, como a libras e a fala, mas hora demonstra que faz leitura labial, tentando compreender melhor a mensagem transmitida pelo interlocutor (professor P), sendo que na maioria das vezes pela rapidez da fala dificulta o entendimento, e assim a mensagem terá falhas.

Para chegarmos ao ideal, apresentaremos alguns caminhos norteadores para uma prática eficaz entre o professor P e o aluno A. São eles:

A utilização do alfabeto manual;

Mímica-dramatização;

Desenhos-ilustrações-fotografias;

Recursos tecnológicos (vídeo, tv, retroprojetor, computador, slides entre outros);

Língua portuguesa escrita;

Língua portuguesa oral.

São recursos que podem ser utilizados como forma de aprendizagem e comunicação. A ação apresentada por esses recursos fortalece ao atendimento do aluno surdo, mesmo que sem a presença de um interprete da língua de sinais, o professor intervém com ações que sejam pertinentes a comunicação.

De um modo geral, os discursos das relações de comunicação entre ouvintes e surdos, são pertinentes a cultura do ser humano, o princípio norteador dessa fala, pressa pela importância do respeito e pelo direito ao surdo de se envolver e ter acesso a sua língua natural. MITTLER (2003, p. 184), destaca que... “criar oportunidades para reflexão e discussão é essencial...”, ou seja, ele evidencia que o professor através da sua capacidade comunicativa e envolvente, pode estabelecer de um modo geral um ambiente de reflexão e comunicativo com as crianças surdas e ouvintes, já que ele é o único com capacidade para tanto. Por isso, é preciso também ter cuidado ao pensar na educação do surdo, refletindo sobre a postura do professor em sala ao empregar um ensino com apenas a oralidade como recursos de aprendizagem.

5 CONCLUSÃO

Para concluirmos a nossa pesquisa, faremos uma reflexão sobre nosso tema: Professor e o aluno surdo: a oralidade da comunicação em sala de aula. As relações referentes ao professor e ao aluno nas relações de comunicações. Neste ponto, surgiu então a busca e desafios sobre caminhos necessários para chegarmos ao ideal, tratamos também de destacar essas relações como sendo as relações de comunicação, respeitando as características próprias de libras. O aluno surdo, sendo respeitado por ser surdo e ainda estabelecendo uma relação com crianças ouvintes. Marcos importantes que fizeram a história do surdo alavancaram bandeiras em linha de pensamentos que fossem eficazes a comunicação.

Analisamos a postura do professor, quanto educador, facilitador, mediador da aprendizagem e das relações de comunicação com o seu aluno surdo. Destacamos a sua análise sobre a sua prática e a sua relação com o seu aluno surdo, juntamente com os alunos ouvintes. Assim, baseado em levantamentos bibliográfico e nos objetivos propostos, se fez possível perceber que a relação de comunicação é própria do ser humano, acontece desde a sua existência por possuir uma inteligência avançada, o que demonstra o quanto estamos aptos a utilizarmos meios, recursos e caminhos mais adequados para a comunicação. Por fim, deixamos claro o quanto é importante estabelecer uma comunicação que abrange a todos, ouvintes e surdos. Destacamos também que as estratégias de ensino devem ser de uma premissa visual, pois, tanto os alunos surdos como os alunos ouvintes possam vivenciar práticas no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALBRES Neiva de (org.). **Libras em estudo: ensino-aprendizagem**. São Paulo: FENEIS, 2012.

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **Educação Especial Perspectiva da Educação Escolar: abordagem bilíngue na escolarização pessoas com surdez**. Brasília: MEC, 2010.

BONAT, Debora. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. Curitiba: IESDE, Brasil S. A. 2009. (Atualizado até abril de 2009).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASÍLIA. Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. [2. ed.]/coordenação geral. SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 116 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão). 1. Competência pedagógica. 2. Educação dos surdos. 3. Necessidades Educacionais. 4. Educação dos surdos. I. Brasil. Secretaria de Educação Especial.

DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **Educação Especial Perspectiva da Educação Escolar: Abordagem bilíngue na escolarização pessoas com surdez**. Brasília: MEC, 2010.

FERNANDES, Eulalia. **Surdez e bilinguismo**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LACERDA, C. B. F; BERNARDINO, M. B. O papel do intérprete de língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. In: LACERDA, C.B. F; LODI, A.C.B. (org.). **Uma escola duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araújo Lima. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. BRASÍLIA: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva**: contextos sociais. trad. Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre; Artmed, 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

PINTO, Daniel Neves. **Língua Brasileira de Sinais**. Aracaju: UNIT, 2012. Série bibliográfica.

WALTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Algés-Portugal: Difel. Difusão Editorial, S.A.,1999.

YIN, Robert K. **Estudos de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ABSTRACT

The subject of this article was chosen due to my first contact with a deaf student, where I had to adjust and learn to Libras, and after that came the questioning: How do teachers communicate in the classroom with the deaf child? What we want to demonstrate through this research are the relationships and situations that exist in schools that have deaf students. The objectives of this research and to verify how the communication with the deaf children in the classroom happens, to understand the means necessary for the communication between the deaf student and the hearing children, to analyze how the deaf children communicate with the teacher in the classroom of class. For (YIN, 2001, p.27), the case study runs through the necessary choices and strategies of this real event, but it should not be changed. The observation was made in a school in Aracaju, try as subject of research a teacher in his first contact with a deaf child. The collection instrument was a questionnaire with sixteen questions to be answered by the teacher. The results obtained from this questioning, was to understand how it is necessary to obtain a communication that can cover all, starting from the relations of affectivities between both teacher and student, respecting and differentiating his deaf student with the student listener.

Keywords: Communication. A deaf student. Teacher.

APÊNDICES

APÊNDICE A

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE - FANESSE
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA
“GRACCHO CARDOSO”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a responder o questionário que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Professor e o aluno surdo: a oralidade da comunicação em sala de aula”, realizada pela estudante, Elielba Mendonça Santos dos Reis, do curso de Pós-Graduação, sob a orientação do Prof^o. Genivaldo Oliveira dos Santos Filho.

A pesquisa em questão objetiva identificar nas práticas docentes com surdos, os meios pelos quais acontece a comunicação entre professor e o aluno surdo em sala de aula, a partir do mapeamento de seus fundamentos e possibilidades durante o processo da comunicação em sala de aula.

Destacamos que a pesquisa não apresentará nenhum risco moral e físico para os sujeitos envolvidos, não havendo necessidade de identificação e estando facultado o direito de nela permanecer ou sair a qualquer momento. Informamos, ainda, que os dados aqui coletados terão função meramente acadêmica e para fins de estudo no referido TCC.

Em caso de dúvida, nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio dos seguintes contatos:

Elielba Mendonça Santos dos Reis

E-mail: elielbareis@hotmail.com

Celular/WhatsApp: (79)9997716-30

Aracaju, _____ de _____ de 2016.

APÊNDICE B**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

Declaro para os devidos fins, que li e estou de acordo com o Termo de Consentimento livre e esclarecido, aceitando voluntariamente responder ao questionário que compõem o Trabalho de Conclusão intitulado “ Professor e o aluno surdo: á oralidade da comunicação em sala de aula”, realizada pela estudante Elielba Mendonça Santos dos Reis, do curso de Pós-Graduação de FANESE, sob orientação do Prof. Genivaldo Oliveira dos Santos Filho.

Aracaju, _____ de _____ de 2016.

(Assinatura do participante)

APÊNDICE C**ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O PROFESSOR DA ESCOLA**

1. Qual o seu Nível de Formação (Graduação/Pós-Graduação)?

2. Há quanto tempo atua na educação básica?

3. Tempo que trabalha na escola?

4. Qual (quais) disciplina (s) que leciona?

5. Há quanto tempo trabalha com alunos surdos?

6. Fez algum curso específico para trabalhar com alunos surdos?

7. Quais as principais dificuldades enfrentadas no trabalho com as crianças surdas?

8. Como você se comunica com seus alunos surdos?

9. Utiliza algum material didático específico/adaptado com as crianças surdas?

10. Como é a participação das crianças surdas em suas aulas?

11. Você acha que seu aluno surdo acompanha a classe, tem um desempenho satisfatório em comparação com os alunos ouvintes da turma? Por quê?

12. Quais as principais dificuldades que as crianças surdas apresentam em relação ao conteúdo ministrado em sua disciplina?

13. Como é a interação/relação destas crianças com os colegas ouvintes?

14. Você acha que é necessário um intérprete em sala de aula?

15. Você percebeu algum avanço com relação à aprendizagem/participação das crianças surdas em suas aulas? Quais?

16. O que você pensa sobre o processo de inclusão de crianças surdas no ensino regular?

APÊNDICE D

RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO

1. Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia Clínico Institucional.
2. Há 9 anos.
3. 8 anos e 8 meses.
4. Polivalente.
5. Esse ano foi a minha primeira experiência na escola que trabalho (já estagiei em uma escola especializada para surdos durante a graduação).
6. Não. Fiz uma disciplina (Libras), durante a graduação em Pedagogia que agregou conhecimentos e me auxiliou nessa nova experiência.
7. A aluna utiliza um aparelho auditivo, nos comunicamos muito pouco na língua de sinais. Através do acompanhamento com alguns profissionais ela se desenvolveu bem a fala, facilitando assim, a comunicação com todos.
8. Dificilmente nos comunicamos através da língua de sinais. A nossa comunicação é oral.
9. Não houve a necessidade de utilizar materiais específicos, adaptados com a aluna. Na sala de aula ensinamos os conteúdos através de vivência, envolvendo o dia a dia (de experiências e do lúdico) tornando o processo de aprendizagem mais fácil e prazeroso.
10. É uma aluna participativa e interessada.
11. Sim. Porque acompanha e compreende os conteúdos da sua maneira.
12. A aluna apresenta dificuldades na interpretação de textos ou em questões que envolvem raciocínio lógico, mas nada que prejudique o seu desempenho.
13. Tem um bom relacionamento com todos.
14. A aluna não necessita de um intérprete, está desenvolvendo bem a fala e tem um acompanhamento para ajudá-la na comunicação oral.
15. Sim, durante o ano letivo a aluna foi desenvolvendo mais o vocabulário e compreendendo melhor os conteúdos.
16. Não respondeu.

ANEXOS



Figura 1: A aluna copiando do quadro.



Figura 2: A professora orientando.

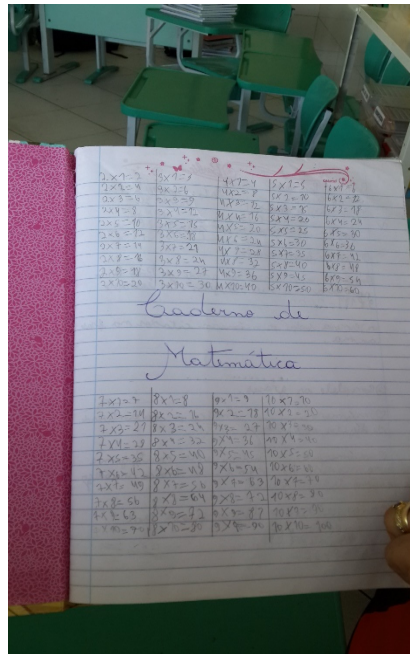


Figura 3: Caderno de matemática.

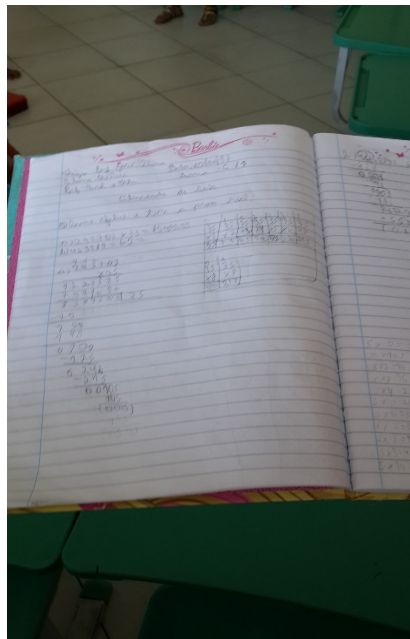


Figura 4: Continhas.

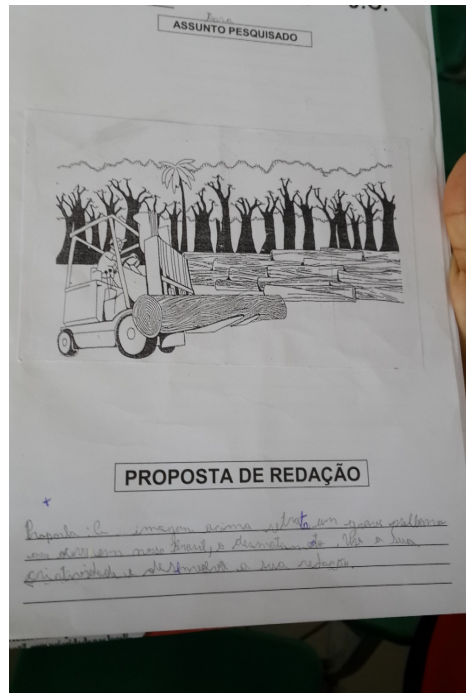


Figura 5: Proposta da redação.

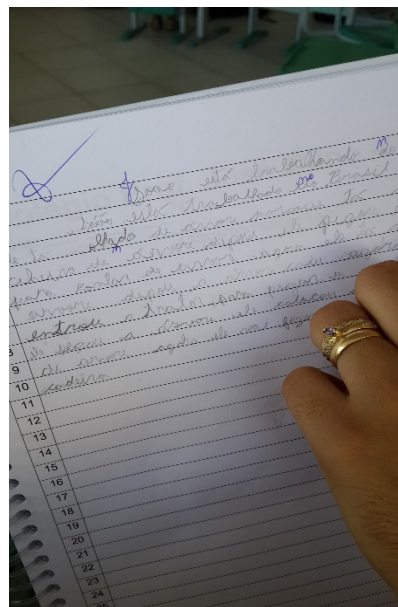


Figura 6: Redação.

CURRICULUM

Elielba Mendonça Santos dos Reis

Rua: Antônio José dos Santos
Telefone: 079-3024560
Cel: 079-99977-1630
Email: elielbareis@hotmail.com

- **Objetivos**

Trabalhar com crianças surdas em qual instituição de ensino; ensinar as crianças surdas e intensificar o ensino de libras na Educação Infantil.

- **Formação**

Pós-graduanda em Educação Inclusiva/Libras pela Faculdade Amadeus (FAMA), Pós-graduanda em Libras\Educação Inclusiva pela Faculdade São Luís de França, Licenciada em Pedagogia. Habilitação em Administração Escolar pela Faculdade Pio Décimo.

- **Experiência**

Professora: Educação Infantil desde 2002- Colégio Prof. “José Olino”; Rua: Zaqueu Brandão, 542- São José, Aracaju SE

- **Qualificações**

Curso básico de Libras 160h/SENAC, Curso de Libras Intermediário140h/SENAC, Curso de Extensão em Libras In contexto-Básico II 60h, curso básico de Libras - Módulo IV 48h.

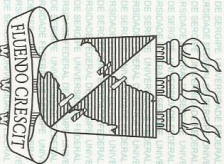
DECLARAÇÃO

Eu, **Jamille Tavares Barreto**, RG 3.125.824-7, graduada em Licenciatura Português/Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), declaro ter realizado a análise e correção ortográfica do Artigo tendo como título: "**Professor e o aluno surdo: A operabilidade da comunicação em sala de aula.**" da aluna **Elielba Mendonça Santos dos Reis**, do curso de Especialização em Libras: Tradução, Interpretação e Ensino pela Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (FANESE).

Por ser verdade firmamos o presente.

Aracaju, 24 de fevereiro de 2017.


Jamille Tavares Barreto
Letróloga



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O Reitor da **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**, no uso de suas atribuições e tendo em vista que

JAMILLE TAVARES BARRETO, filha de **José Gomes Barreto** e de **Anilda Tavares Barreto**, nascida a **01 de março de 1985**, natural de **Sergipe - Brasil**, portadora da carteira de identidade nº **31258247-SSP/SE**,

concluiu em **24 de fevereiro de 2011** o curso de **LETRAS**, outorga-lhe o presente diploma de **LICENCIADO**

EM PORTUGUÊS-ESPAANHOL para que possa gozar dos direitos e prerrogativas concedidos a este título pelas leis do País.

Aracaju(Se), 03 de março de 2011.

[Assinatura]
PRÓRETOR DE GRADUAÇÃO

[Assinatura]
DIPLOMADA

[Assinatura]
REITOR